

"BOBBY CASSIDY —
COUNTERPUNCHER",
DOCUMENTÁRIO
SOBRE UMA FIGURA
DO BOXE QUE SÓ
POR UM TRIZ
NÃO FOI LENDA

TEXTO DE FRANCISCO FERREIRA FOTOGRAFIA DE JORGE SIMÃO A AVENTURA começa em 2001. Bruno de Almeida está nos EUA. É cineasta desde o arranque dos anos 1990. Do lado de lá, a trabalhar para o Independent Film Channel, arranca com um documentário sobre boxeurs reformados de Nova Iorque. "A ideia inicial era fazer um filme sobre o efeito do punch-drunk, doença degenerativa que ataca os pugilistas e os leva à demência." Bruno fala com uns vinte pugilistas. A equipa é reduzida. Nick Sandow, actor e ex-pugilista, faz as entrevistas. E Bruno acaba por chegar a Bobby Cassidy. "Seguimo-lo quase dois anos", diz Bruno. "Um dia, olho para o Nick e digo-lhe: temos aqui outro filme. Só com o Bobby. Escrevi um argumento que nunca acabei. Valeria a pena andar à procura de uma coisa que estava à minha frente?"

Quem é Cassidy? O *irish*. Um *southpaw* (esquerdino), peso-médio, que lutava em contra-ataque entre 1963 e 1980. Um tipo que teve problemas na infância: cresce nos subúrbios de Nova Iorque, apanha do padrasto e da mãe, detesta-os e não tarda a cair em maus caminhos. Cenas de pancada. Um juiz decide: "Se não te metes num

O CINEASTA preparado

para o combate

ginásio, ponho-te na cadeia." Aos 17 anos, e à falta de melhor, Cassidy escolhe o ginásio. Primeiro combate: vitória por KO em 39 segundos. O resto da história está em "Bobby Cassidy — Counterpuncher".

O que vemos no discurso de Cassidy é a sua reacção às primeiras entrevistas, a quente. Cassidy é um extraordinário contador de histórias. E as histórias são suas. Por elas, conseguimos um retrato inteiro de três décadas de uma Nova Iorque vibrante e selvagem, que já não existe. Cassidy foi quase campeão do mundo. "Mas eu acho que ele nunca 'quis ir abaixo'. E sem máfia, no boxe, não há títulos. Tinha tudo para ser campeão, um *great white hope*, um novo Gerry Cooney para desafiar a supremacia negra no ringue. Mas Bobby não é um *loser*, nunca foi: isso está no filme."

E actor, será? Cassidy dá-nos a sensação de que passa o tempo todo a interpretar a personagem de si próprio. "E é talvez por isso", diz o cineasta, "por teatralizar a sua vida, que me parece tão verdadeira a parte em que ele diz o monólogo do 'Requiem for a Heavyweight' (NR: filme de Ralph Nelson, com Anthony Quinn). Ele fica à beira das lágrimas, aquilo tem uma reverberação incrível. Perguntamo-nos: o que é real, o que é filmar, o que é o cinema? Aquele tipo está a manipular-me? Claro que está. E eu quero ser manipulado por ele. Isso faz parte da sua personagem. Cassidy removeu cartilagem da face para combater mais dez anos. Informei-me: nenhum boxeur faz isso. É louco: tem quase 70 anos e ainda faz mil flexões por dia. Mil. Fê-las à minha frente, no quarto do hotel, quando veio cá ao DocLisboa."

Estamos no apartamento de Bruno de Almeida. "Vou mostrar-te uma coisa que ninguém viu." São *rushes* do documentário inicial. Velhos pugilistas, amigos de Cassidy, que falam na rua, em clubes. "São os únicos desportistas sem apoio social nos EUA. Abandonados pelos *managers*, muitos tornam-se sacos de batatas. Há histórias tenebrosas. Encontram-se nestes clubes: se um está doente, os outros ajudam, 5 dólares aqui, 10 acolá. Estes tipos passaram uma vida a lutar uns contra os outros, 20 anos à porrada, e hoje são os melhores amigos."

"Bobby Cassidy — Counterpuncher" acaba com uma canção de outro Bobby, o Byrd. "Porque o som de Cassidy é o soul. É um let's go again." Não sabemos se Bruno de Almeida vai voltar ao boxe. Para já, prepara a rodagem de "Operação Outono", novo filme sobre o assassínio de Humberto Delgado.

CINEMA Ver crítica na pág. 17